

TEXTUALIDADE E TEXTUALIZAÇÃO EM PAPEL E BLOG: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Márcia Helena MELO PEREIRA

Mariana Tane Neves VASCONCELOS

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Resumo: O *blog* é um gênero digital inserido no contexto das transformações sociais e tecnológicas ocorridas no campo das comunicações propiciadas pela abertura e avanço da internet – as TIC's – que impulsionaram a utilização de aparatos tecnológicos digitais *on-line* como ferramentas pedagógicas de ensino-aprendizagem de textos na escola. Este artigo objetiva investigar se a escrita de textos produzidos no gênero *blog* produz mudanças que podem auxiliar o aluno a produzir bons textos do ponto de vista de sua textualidade. Para atingir esse objetivo, analisamos o processo de textualidade e textualização de dois textos escritos por uma dupla de estudantes do ensino médio, sendo um produzido no suporte papel e outro produzido diretamente em um *blog*. Ancoramo-nos, teoricamente, em Bakhtin (2003) a respeito da teoria do gênero discursivo; em Marcuschi (2004) e Komesu (2005) para o delineamento do gênero *blog*; em Xavier (2002) sobre o conceito de hipertexto *on-line*; e em Koch (2015) e Costa Val (2004) sobre os conceitos de textualidade e textualização. No *blog*, o processo de construção textual no contexto do hipertexto *on-line* oportunizou a produção de um texto coeso e coerente. Para isso, foram recrutados aspectos linguísticos e discursivos característicos do ambiente hipertextual *on-line*. Já no suporte papel, a dupla produziu um texto também coeso e coerente, recrutando formas lexicais e sintáticas em favor da discursividade a respeito do tema em questão, mas buscando constituir um sentido intimamente atrelado à forma genérica que escolheram para produzir seu texto, nesse caso a redação escolar do tipo dissertativo-argumentativo.

Palavras-Chave: *Blog*. Hipertexto *on-line*. Textualidade. Textualização.

TEXTUALITY AND TEXTUALIZATION IN PAPER AND BLOG: DIFFERENCES AND SIMILARITY

Abstract: The blog is a digital genre inserted in the context of technological and social changes that occurred in the communications field provided by the internet opening and advancement – ICT – that pushed the use of online digital technology devices as textual teaching-learning pedagogical tools in school. This paper aims to investigate whether the writing of texts produced in the blog textual genre creates changes that can help the student to produce good texts from the point of view of its textuality. To achieve this goal, we analyze the textuality and textualization process of two texts written by a pair of high school students, being one developed on the paper support and the other directly in a blog. We based, theoretically, on Bakhtin (2003) regarding the theory of speech genre; on Marcuschi (2004) and Komesu (2005) for the blog genre design;

on Xavier (2002) for the online hypertext concept; and on Koch (2015) and Costa Val (2004) for the textuality and textualization concepts. In the blog, the textual construction process in the online hypertextual context provided the production of a cohesive and coherent text. To that end, characteristic linguistic and discursive aspects of the online hypertextual environment were recruited. As regards the paper support, the pair also produced a cohesive and coherent text, recruiting lexical and syntactic forms in favor of discursivity regarding the subject involved, but searching for a meaning construction closely related to the generic form that they chose to produce their text, in this case the dissertative-argumentative school essay.

Keywords: Blog. Online hypertext. Textuality. Textualization.

TEXTUALIDAD Y TEXTUALIZACIÓN EN PAPEL Y BLOG: DIFERENCIAS Y SIMILARIDAD

Resumen: El *blog* es un género digital situado en un contexto de transformaciones sociales y tecnológicas ocurridas en el campo de las comunicaciones debido a la apertura y desarrollo de Internet, TIC, fomentando el uso de dispositivos tecnológicos digitales *online* como herramientas pedagógicas para la enseñanza aprendizaje textual en la escuela. Este artículo tiene el objetivo de investigar si la escritura de los textos producidos en el género *blog* provoca cambios que ayuden al alumno a producir buenos textos a partir de su textuality. Para lograr este objetivo, analizamos el proceso de textuality y textualización de dos textos escritos por dos estudiantes de secundaria, uno producido en papel y otro producido directamente en un *blog*. Nos apoyamos, teóricamente, en Bajtín (2003) sobre la teoría del género discursivo; en Marcuschi (2004) y Komesu (2005) para delinear el género *blog*; en Xavier (2002) respecto al concepto de hipertexto *online*; y en Koch (2015) y Costa Val (2004) sobre los conceptos textuality textualización. El proceso de construcción textual en el contexto del hipertexto *online* permitió que produjeran en el *blog* un texto con cohesión y coherencia. Para eso, se seleccionaron aspectos lingüísticos y discursivos característicos del ambiente hipertextual *online*. Ahora, el dúo también produjo un texto con cohesión y coherencia en el texto en papel, seleccionó formas léxicas y sintácticas a favor del discurso sobre el tema, pero buscó darle un sentido estrechamente relacionado al sentido genérico que eligieron para producir su texto, en ese caso una redacción escolar del tipo expositivo argumentativo.

Palabras clave: Blog. Hipertexto *online*. Textuality. Textualización.

INTRODUÇÃO

A utilização do ambiente hipertextual on-line do blog como ferramenta pedagógica de ensino-aprendizagem de textos tem sido uma prática mais frequente nas aulas de Língua Portuguesa. De acordo com Xavier (2002), o hipertexto on-line é um ambiente com características peculiares, as quais podem favorecer, ou não, uma dispersão do usuário/leitor/escrevente, podendo, ainda, acarretar em perda de sentido do texto.

O blog, objeto desta investigação, é um gênero textual digital que se encontra no contexto das TIC's e que tem proporcionado ao contexto escolar a criação de espaços hipertextuais (on-line) educacionais para socialização de temas de redações e vestibulares, resolução de exercícios, compartilhamento de material relacionado aos assuntos discutidos em sala de aula etc., ao ser utilizado como mecanismo de aprendizagem de escrita de textos, ainda que não haja uma metodologia formal e comum aplicável ao ensino de textos inseridos nos espaços digitais. Nesse ponto, destacamos que o conjunto escolar da maioria das instituições escolares públicas se encontra em um contexto socioeconômico que, em grande parte, não favorece o desenvolvimento da aprendizagem do aluno em consonância com o avanço da tecnologia hodierna. Por esse motivo, o fato de termos escolas equipadas com aparelhos tecnológicos utilizados como ferramentas didático-pedagógicas não é garantia de um efetivo trabalho que favoreça o aprendizado por meio deles.

Referente ao texto, conforme a Linguística Textual, o seu sentido é construído com base nos conhecimentos de cada participante da interação, ou seja, cada interlocutor possui competências linguísticas e experiências de mundo que podem contribuir para a interpretação do sentido de um determinado texto. Essas competências podem ser entendidas como os princípios de textualização que cooperam para a textualidade (COSTA VAL, 2004), tanto para quem produz um texto quanto para quem o interpreta. Lembramos, pois, que o hipertexto on-line, segundo Xavier (2002), é um espaço que dispõe de multissemiotes para a constituição de sentido, diferentemente do hipertexto e do texto mais tradicionais. Essas especificidades do ambiente on-line promovem, ou não, uma dispersão do usuário/leitor/escrevente, podendo, ainda, promover a perda de sentido do texto; diante disso, objetivamos: investigar se escrever um texto no gênero digital blog produz mudanças que podem contribuir para que o aluno produza bons textos do ponto de vista da sua textualidade. Para atingir esse objetivo, analisamos o processo de textualidade e textualização de dois textos escritos por uma dupla de estudantes do ensino médio, sendo um produzido no suporte papel e outro produzido diretamente em um blog.

O artigo está assim ordenado: apresentaremos primeiramente o blog e o seu funcionamento como gênero discursivo/textual a partir da teoria do gênero discursivo, por Bakhtin (2003), juntamente com o seu funcionamento como suporte textual, fundamentado nos estudos de Marcuschi (2004). Em seguida, para entender como funciona o processo de

estabelecimento da coesão e coerência textuais no hipertexto do blog, mostraremos as diferenças entre os conceitos de textualidade e textualização com base nos estudos de Koch (2015), Koch e Elias (2010) e Costa Val (2004), bem como apresentaremos as características e funções do hipertexto on-line com base nos estudos desenvolvidos por Xavier (2002). A partir disso, seguiremos com a indicação da metodologia de constituição do corpus adotada, para, em seguida, investigar o processo de textualidade e textualização, tanto no texto escrito no suporte papel quanto no texto produzido diretamente em um blog. Finalmente, na última seção, indicaremos nossas considerações finais, após a análise comparativa das discussões feitas e dos resultados encontrados acerca da temática apresentada.

2. O CONCEITO DE GÊNERO EM BAKHTIN E OS DESDOBRAMENTOS PARA O GÊNERO BLOG

O blog é um tipo de dispositivo capaz de proporcionar aos seus usuários uma interação permeada por textos verbo-visuais que podem ser copiados e colados em outros espaços digitais e atualizados com frequência, além de serem facilmente publicados na rede web (KOMESU, 2005). Esse novo modo de comunicação semiótica corresponde ao modelo dialógico de linguagem proposto por Bakhtin e seu Círculo, visto ser na relação com o outro que atuamos em diversos campos da sociedade por meio do uso da língua.

Conforme Bakhtin (2003), comunicamo-nos mediante enunciados concretos e únicos, orais ou escritos, constituídos por três elementos inseparáveis, quais sejam: conteúdo temático, estilo de linguagem e estrutura composicional. Embora esses elementos sejam indissociáveis, é possível identificá-los operando em um gênero. Para o filósofo, a estrutura composicional compreende a organização do texto, significando o modo como cada parte do texto dispõe-se em sua composição dentro das especificidades exigidas pela esfera de circulação de cada gênero. Consoante Bakhtin (2003), ao reconhecermos a estrutura composicional de um texto, verificamos o gênero a que ele pertence, considerando, para isso, o seu contexto de enunciação. Ademais, ainda que faltem algumas das partes de determinado gênero, ele continua sendo esse gênero se estiver na sua esfera de circulação. A respeito do blog funcionando como gênero, Miller e Shepherd (2012) afirma que, embora os blogs possam ser encontrados em diversas formas, o padrão que vigora entre eles é o formato, pois apresentam, sempre, uma composição que inclui: 1) postagens datadas; 2) cronologia reversa – as postagens sempre aparecem das

mais recentes para as mais antigas; 3) presença de links – passagem para outros hipertextos; 4) atualização frequente; e 5) possibilidade de comentários (MILLER; SHEPHERD, 2012).

O conteúdo temático, por sua vez, refere-se ao tema e à orientação discursiva em que o texto se posiciona/circula na comunicação em sociedade. Segundo Bakhtin (2003), a enunciação verbal considera não apenas as palavras como fonte de sentidos, mas, também, as experiências dos sujeitos envolvidos na cena enunciativa, sendo cada palavra constituída de valores acumulados no decorrer do tempo-espaço (BAKHTIN, 2003). No contexto do blog, salientamos, ainda, a presença de links que direcionam o leitor tanto para hipertextos de outros blogs quanto para hipertextos do próprio blog. Assim sendo, mesmo que os hipertextos de cada página web sejam diferentes das que foram acessadas inicialmente, há, entre eles, uma relação temático-discursiva a ser observada, por exemplo, pelo padrão apresentado nos blogs referente à opção de espaços para interação direta entre usuários e mantenedor/locutor inicial e entre usuários por meio da possibilidade de comentários dentro do hipertexto do blog. Isso nos permite considerar que os interlocutores dos blogs formam uma comunidade de pessoas com discursos e objetivos semelhantes e com a utilização de recursos hipertextuais similares, permanecendo entre eles um elo temático que os mantém, portanto, dentro desse mesmo domínio discursivo¹.

A respeito do estilo, Bakhtin salienta que ele “está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 265). O estilo se estabelece sob duas orientações distintas: do próprio gênero e individual. Para o autor, ainda que o gênero, oral ou escrito, possua um estilo próprio de enunciação, existem gêneros que são mais flexíveis à refletirem a individualidade do sujeito falante/escrevente/locutor. No contexto do blog, compreendemos que a ligação entre os enunciados e o próprio gênero configurado por eles constituem dois lados de uma mesma enunciação: um concernente aos traços recorrentes quando se utiliza esse gênero nas esferas comunicativas, um jeito próprio do gênero em questão – estilo de gênero; e outro relativo ao “jeito de enunciar” de quem o utiliza (escrevente) – estilo do autor. É por meio do estilo que

¹ De acordo com Marcuschi (2008, p. 155), domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana”, no sentido bakhtiniano do termo, do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.). Além disso, não abrange um gênero particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados.

podemos diferenciar um *blog* de outro, tendo em vista que o estilo está diretamente relacionado ao conteúdo temático e ao público que o visita.

Cada espaço de enunciação inserido no contexto da internet revela as suas próprias características e funções que o diferenciam de outros. No caso específico dos blogs, encontramos tais especificidades que os configuram enquanto gênero discursivo/textual, sendo, ainda, o seu funcionamento atribuído, também, ao papel de suporte de outros gêneros textuais. Assim sendo, concomitante ao funcionamento do blog como gênero, temos também o seu funcionamento como suporte, uma vez que ele é capaz de apresentar e veicular diversos gêneros textuais. De acordo com Marcuschi (2003), o suporte de um gênero é um “locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2003, p. 10). Ainda segundo o linguista, os suportes podem ser divididos em: convencionais – aqueles que foram elaborados conforme a sua função de portar ou fixar textos (livros, jornais, revistas, faixas etc.); e incidentais – aqueles que foram levados à função de suporte (a exemplo de tatuagens ou cola feita por alunos, parede, porta, embalagens etc.).

Nessa perspectiva, o blog constitui-se como um suporte incidental, já que sua função inicial não é portar um gênero específico, mas uma diversidade de outros gêneros quantos forem necessários para realização da ação comunicativa. Assim sendo, a análise da relação entre o suporte e o gênero que ele suporta possibilita a identificação desse suporte².

3. TEXTUALIDADE, TEXTUALIZAÇÃO E HIPERTEXTO ON-LINE NO CONTEXTO DO BLOG

As competências individuais e partilhadas dos sujeitos envolvidos em uma determinada atividade de interação são o que podemos entender como os princípios de textualização que cooperam para a textualidade (COSTA VAL, 2004). Segundo Koch e Travaglia (1997), para que se estabeleça a coerência (sentido) em um texto, é necessária a existência de: elementos linguísticos (seu conhecimento, uso e sua organização conforme o contexto linguístico); conhecimento de mundo e o grau em que esse conhecimento é partilhado entre os interlocutores; fatores pragmáticos e interacionais, a exemplo de “contexto situacional, os interlocutores em si, suas crenças e intenções comunicativas, a função comunicativa do texto”

² Para Marcuschi (2003), cada suporte deve ser analisado de acordo com a relação que possui com o gênero que suporta, sendo necessário, para isso, identificar as categorias analíticas que permeiam os textos e os gêneros (MARCUSCHI, 2003, p. 14-15).

(KOCH; TRAVAGLIA, 1997, p. 47-48), visto que, conforme afirmam, cada um desses pontos destacados mantém relação com outros fatores. Koch e Travaglia (1997) apresentam, ao todo, 11 fatores que contribuem para o estabelecimento da coerência, ou seja: conhecimento linguístico; conhecimento de mundo; conhecimento partilhado; inferências; fatores pragmáticos; situacionalidade; intencionalidade e aceitabilidade; informatividade; focalização; intertextualidade; e relevância³.

Atinente a esses fatores e ao seu uso no processo de construção do sentido, estudiosos como Costa Val distinguem textualidade de textualização. Para a autora, enquanto constroem (leem/ouvem/interpretam) a superfície textual (escrita ou oral), os interlocutores da interação verbal recrutam, descartam, referenciam, substituem ou complementam as suas produções com os elementos que contribuem para o estabelecimento da coesão e coerência. Esse é um processo de textualidade. Já as ações necessárias (tanto para quem produz quanto para quem interpreta) para que se estabeleça a textualidade representam um processo de textualização (COSTA VAL, 2004). Em consonância com a autora, entendemos que um texto pode ser compreendido distintamente. Assim sendo, essa diversidade de interpretações acontece porque cada texto pode ser textualizado de maneiras diferentes por diferentes ouvintes ou leitores. Isto é, para a linguista, a diferença entre os conceitos de textualidade e textualização refere-se à ideia de que, ao ler ou ouvir um texto, empregamos os conhecimentos de mundo e linguísticos etc. a fim de constituir um sentido para o que lemos ou ouvimos. Esta ação é o que a autora chama de textualização. Já quando escrevemos, falamos, recrutamos todos os conhecimentos que temos para produzir uma sequência linguística que venha a constituir um sentido para o leitor. Os recursos que utilizamos, para produzir ou interpretar esse texto, são os fatores de textualidade, coesão e coerência. Desta forma, entendemos que a diferença entre os termos textualidade e textualização apresentados pela autora são: a textualidade é um saber linguístico que está armazenado na memória do sujeito; e textualização é a ação de utilizar este saber, a fim de constituir sentidos para uma determinada sequência linguística.

No contexto do ciberespaço, entendemos que há diferenças na construção de sentido em relação ao hipertexto ou ao texto tradicional por meio do uso de recursos

³ Na obra *Texto e Coerência* (1997), os autores Koch e Travaglia têm como objetivo discutir a coerência textual e o modo como ela tem sido tratada pelo campo da Linguística. Nesta obra, os autores propõem, ainda, que a coerência textual seja vista como o sentido atribuído no texto e a partir dele por meio da utilização dos 11 fatores da textualidade – que contribuem para o estabelecimento da coerência.

linguísticos/discursivos. Um exemplo do uso desses recursos são a presença de links que direcionam a leitura a partir da escolha feita por seu usuário e que permitem uma complementação dos sentidos em cada texto lido/produzido (separadamente ou em conjunto), presente nas páginas web. Essa conexão de ideias constitui-se como um modo peculiar de textualizar o que se lê/ouve/escreve promovendo, assim, uma atividade interativa diferente da atividade de leitura e produção textual comum, presente no suporte papel.

Segundo Xavier (2002), as características do hipertexto on-line são: a) Imaterialidade – não é possível pegá-lo. Mesmo que possamos fazer uma impressão do que está disposto na tela, ainda assim não se caracteriza como hipertexto on-line, posto que não teremos as qualidades semióticas que compreendem as imagens, sons etc.; b) Confluência de modos enunciativos – embora existam textos com imagens, siglas, referências, símbolos, é impossível clicar e ser direcionado a outros textos, como o fazemos no hipertexto virtual; c) Não linearidade – as diferenças são mais fortemente marcadas e podem interferir na construção de sentidos, permitindo que o usuário fique desorientado ao passar de um hipertexto a outro (por meio de hiperlinks); e d) Intertextualidade infinita – permite ao usuário transitar, ilimitadamente, entre os textos, mantendo um assunto ou tema afim.

Para Koch (2009), todo texto é um hipertexto, posto que o texto tradicional pode conter várias interposições de conteúdos apresentados em rodapés, cabeçalhos, referências, figuras, tabelas etc., que contribuem para que o leitor complemente o seu conhecimento a respeito do tema exposto, estando ao seu critério a decisão de ir buscar este complemento fora do seu texto inicial, ou não (KOCH, 2009). Já em relação ao hipertexto on-line, a autora afirma que a principal inovação desse texto eletrônico é a criação dos hiperlinks⁴, uma vez que estes se tratam, também, de dispositivos técnicos-informáticos “que permitem efetivar ágeis deslocamentos de navegação on-line, bem como realizar remissões que possibilitam acessos virtuais do leitor a outros hipertextos de alguma forma correlacionados” (KOCH, 2009, p. 64).

Compreendemos, portanto, que ambos os textos produzidos em papel e em blogs devem ser analisados seguindo os critérios de textualidade e textualização. No entanto, ao analisar um texto cujo contexto de produção seja em ambiente hipertextual digital, como é o caso do *blog*, deve-se considerar, também, as características que configuram o hipertexto nesse

⁴ Xavier (2002, p. 151-163) apresenta também os *hiperlinks* com função enunciativa.

ambiente, a fim de contribuir para uma análise textual que considera todas as particularidades do texto em seu contexto de uso.

4. A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Para alcançar nossos objetivos, aplicamos a seguinte metodologia: solicitamos a uma dupla de estudantes do Ensino Médio de uma cidade do interior baiano, com idades de 16 e 17 anos, que produzissem dois textos: um escrito no suporte papel e outro escrito diretamente em um blog. Para isso, aplicamos uma sequência didática⁵ baseada em um processo de coleta de dados divididos em sete etapas sequenciais, a saber: 1) Apresentação da situação – informações a respeito do processo de produção dos textos que iriam produzir, a exemplo das orientações da escrita (não utilizar borracha e corretivo, disponibilidade de papel extra para rascunho, o tempo disponível para a escrita, o tema que seria discutido⁶ “A era da selfie” etc.); 2) Leitura dos textos-base escolhidos como coletânea e discussão sobre o tema; 3) Produção inicial feita pela dupla no suporte papel; 4) Aula interativa sobre blogs (características, tipos etc.); 5) Tutorial de criação de blogs; 6) Criação de blog pela dupla; e 7) Produção textual final feita pela dupla no blog. Além disso, durante a execução dessas etapas, aplicamos cinco questionários: três destinados aos escreventes e os outros dois direcionados à professora e à direção da instituição, cuja pretensão em utilizá-los foi a de que pudéssemos, no momento da análise do nosso corpus, dirimir possíveis dúvidas, a exemplo de quando investigamos a relação que cada um dos escreventes já possuía com o gênero blog antes desta pesquisa.

Constituem o nosso corpus, ainda, duas gravações de vídeo e áudio dos diálogos realizados pela dupla enquanto escreviam ambos os textos. Tais gravações revelaram-se essenciais para a análise do processo de textualização, especialmente no texto feito no blog, sem as quais não poderíamos, por exemplo, identificar os percursos da dupla ao utilizar o cursor da tela, bem como distinguir qual dos escreventes digitava o texto ou, ainda, como cada um dos participantes reagia às possibilidades semióticas do hipertexto *on-line*. A escolha que fizemos

⁵ Utilizamos uma adaptação do modelo de sequência didática proposto pelos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97).

⁶ O texto 1 é composto por duas imagens: uma refere-se a um *meme* que mostra uma *selfie* e a outra é uma charge. Já o texto 2 é o poema Auto-retrato do autor Mário Quintana. O texto 3 trata-se de uma reflexão do autor Francisco Ladeira, cujo título é Redes Sociais e Autoimagem. A escolha do tema “A era da *selfie*” se deve, principalmente, ao fato de ser um assunto ligado ao ambiente virtual, já que precisávamos estrategicamente ocultar os verdadeiros objetivos da pesquisa.

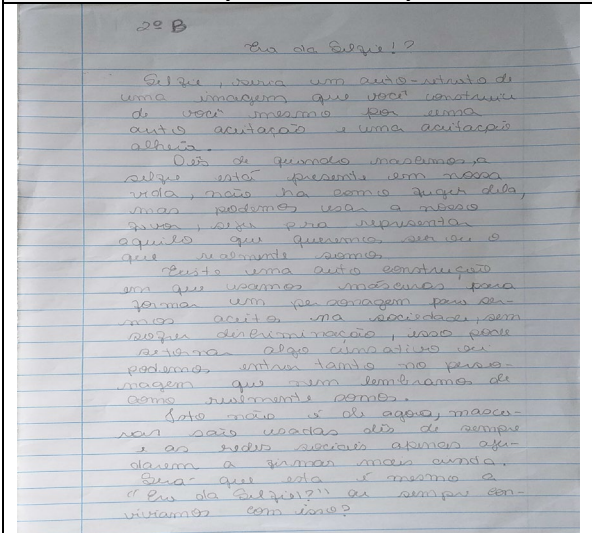
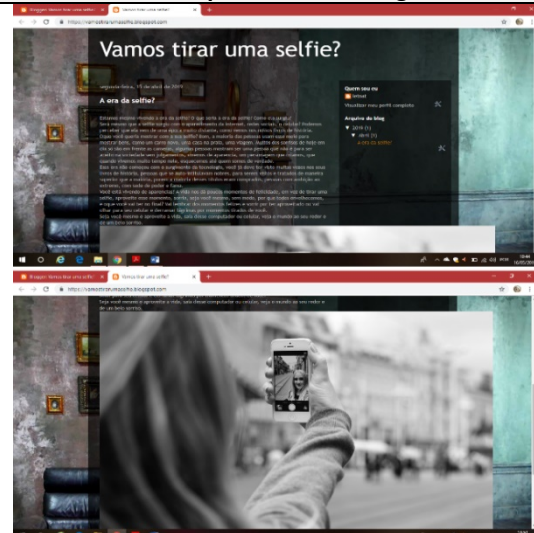
por sujeitos escrevendo conjuntamente deveu-se à intenção de analisar para além da superfície textual.

Com base nas pesquisas de Pereira (2005), também entendemos que, se captássemos o diálogo mantido entre os estudantes a respeito do texto que estavam produzindo, por meio de uma gravação em áudio/vídeo, poderíamos ter acesso às reflexões que haviam feito, suas escolhas linguísticas em detrimento de outras etc. Para a pesquisadora, ainda, tais gravações nos possibilitariam entender/apreender, de forma pontual, quais haviam sido as dúvidas e as reflexões que os escreventes apresentaram nos momentos de apagamentos e substituições. Uma vez gravados os diálogos produzidos pela dupla, durante o processo de escrita nos dois suportes, fizemos as transcrições com o auxílio do software Audacity.

A seguir, analisaremos cada um dos textos: inicialmente, conforme a estrutura genérica encontrada; depois, os processos de textualização ocorridos nos títulos bem como nas partes textuais correspondentes à introdução, desenvolvimento e conclusão.

5. A ESCRITA NO PAPEL E NO BLOG: O QUE ENCONTRAMOS?

Inicialmente, vejamos, a seguir, as imagens dos textos produzidos pela dupla de escreventes, respectivamente, no suporte papel (à esquerda) e no suporte blog (à direita):

Texto produzido no Papel	Texto produzido no Blog
	

Fonte: dados da pesquisadora.

Lembramos que as transcrições desses textos serão apresentadas logo mais adiante, quando for pertinente para a análise e discussão. No suporte papel, os escreventes produziram um texto com quatro parágrafos, em um período aproximado de 30 minutos. Em linhas gerais, a dupla discute o tema, fazendo uma reflexão acerca da selfie e do enfoque que as redes sociais dão a ela. Para a dupla, a selfie não é uma novidade da atualidade, sendo, portanto, um tipo de autorretrato que a pessoa constrói baseada em como ela deseja ser vista, para que, assim, seja aceita pela sociedade. Já no suporte blog, a dupla produziu um texto com seis parágrafos em um período de 21 minutos, aproximadamente. Nesse suporte, a dupla discute a origem da selfie e, a todo tempo, busca levar o leitor a uma reflexão sobre como tem sido a vida do ser humano, a partir da selfie. Para a dupla, mesmo antes de ela existir, as pessoas “mascaravam” a sua própria realidade.

Iniciaremos nossas discussões mostrando como ambos os textos produzidos pela dupla estão configurados, conforme sua estrutura composicional, conteúdo temático e estilo, com base na teoria dos gêneros do discurso postulada por Bakhtin (2003). No suporte papel, temos: uma composição estrutural que segue os moldes de um texto do tipo dissertativo-argumentativo, uma vez que ele possui um título e parágrafos definidos e organizados em quatro partes: introdução, desenvolvimento 1, desenvolvimento 2 e conclusão, além de manterem o recuo da margem no início de cada parágrafo; o conteúdo temático é constituído por um texto que percorre um caminho discursivo comum às produções textuais escolares do tipo dissertativo-

argumentativo, isto é, a de persuadir o leitor sobre o que está sendo enunciado; por fim, o estilo, pelo qual podemos encontrar tanto o estilo coletivo – estilo de gênero da redação escolar do tipo dissertativo-argumentativo –, quanto o estilo dos escreventes, uma vez que, por meio de suas escolhas léxico-sintático-discursivas, a dupla reflete suas singularidades e experiências, ao tentar convencer o leitor sob o seu ponto de vista acerca do tema discutido. Contrário a essa estrutura, no texto produzido no blog, a dupla não segue à risca o padrão estrutural de redação escolar, já que seu texto possui o título e seis parágrafos, os quais não apresentam: o recuo de início de texto indicado para paragrafação neste gênero; organização estrutural e discursiva que siga o padrão introdução/desenvolvimento/conclusão. Ademais, há, além do texto escrito, o plano de fundo do blog que é composto pela imagem de um ambiente em que estão dispostos na parede alguns quadros com fotografias antigas, bem como há, ainda, uma outra imagem que mostra uma pessoa fazendo uma selfie (localizada logo abaixo do texto escrito). Nesse ponto, visualizamos as imagens apresentadas pelos escreventes nas duas figuras como um elemento que contribui para a constituição do sentido do texto, a saber: a relação estabelecida entre a selfie feita com o aparelho celular (atualidade) e o autorretrato exposto em um ambiente aparentemente antigo (passado).

Atinente ao conteúdo temático, notamos que o caminho discursivo do texto da dupla, no blog, ganha uma nova orientação: a busca pela interação direta do usuário/leitor que acessar o blog. Um exemplo disso é quando a dupla começa o texto fazendo as perguntas: “Estamos mesmo vivendo a era da selfie? O que seria a era da selfie? Como ela surgiu?”. Este é um modo de despertar no leitor o interesse pela leitura integral do texto e, posteriormente, comentar nos espaços reservados para isso. É com essa orientação discursiva construída por meio das escolhas léxico/sintático/discursivas, a exemplo da seleção dos termos que compõem essas perguntas, bem como das próprias perguntas, que o texto vai ganhando forma e conteúdo de um texto comum ao gênero blog. Também nesse texto escrito no suporte blog, estão presentes o estilo do gênero – expresso pelas marcas formais que estruturam o blog, como, por exemplo, a possibilidade de uso de links, a linguagem pessoal, o espaço para comentários etc.; e o estilo individual da dupla – é propiciado pela subjetividade resultante das escolhas linguísticas que a dupla faz, as quais revelam o aspecto informal dado ao texto.

A respeito do processo de textualização dos textos nos dois suportes, primeiramente, vejamos como ocorrem as escolhas dos respectivos títulos. Antes de decidirem os títulos, os escreventes realizam o seguinte diálogo:

Diálogo da dupla enquanto escolhe o título do texto /suporte papel	Diálogo da dupla enquanto escolhe o nome do blog e o título do texto
G.: O título a gente coloca... Era da Selfie... J. e G.: Era da selfie com... a interrogação. G.: A interrogação e uma exclamação também. Por que a gente tá nesse tempo...esse tempo da selfie vem desse tempo tecnológico de fotos. [...]	G.: Título. Não, Embora colocar um título que chame a atenção. G.: Vamos tirar uma selfie? (silêncio...) [...] G.: Assim? J.: Lé né?. le. In-terro-gação.

Após cada diálogo, a dupla decide pelos seguintes títulos: no papel, “Era da Selfie!?”; no blog, “A era da selfie?”. No papel, com uma discussão bastante curta, a dupla escolhe o seu título, utilizando como recurso linguístico-discursivo os sinais de pontuação “!” e “?”. Por meio da utilização desse recurso, vemos, aqui, que a dupla demonstra sua criticidade acerca do tema “A era da selfie”, porquanto, ao mesmo tempo em que afirma ser mesmo esta a era da selfie pelo uso da exclamação, faz um chamado ao seu leitor para uma reflexão sobre a “verdade” do que está sendo afirmado, ao utilizar, também, o sinal de interrogação, colocando em prática, pois, o que conhece sobre o tema em questão para construir o sentido, uma vez que, conforme Koch e Travaglia (1997) “o estabelecimento do sentido de um texto depende em grande parte do conhecimento de mundo dos seus usuários” (KOCH; TRAVAGLIA, 1997, p. 60, destaque dos autores). Já no blog, a dupla escolheu utilizar como título para o seu texto o tema que foi indicado para a produção textual “A era da selfie”, utilizando como recurso linguístico-discursivo o sinal de pontuação interrogação “?”, transformando, pois, o tema em um questionamento – “A era da selfie?”. Além disso, a dupla escolheu, também, o título para o blog, qual seja: “Vamos tirar uma selfie?”. Portanto, a dupla mostra certo conhecimento prévio sobre blogs e, por isso, decide por um título que, conforme discute no diálogo, “chame a atenção” do leitor, assegurando, assim, a compreensão do texto, sendo este, portanto, um recurso metaenunciativo – conforme apresentam os estudos de Koch e Elias (2010).

Iniciaremos, agora, as discussões acerca das construções textuais referentes a cada parte do texto, a saber: introdução, desenvolvimento e conclusão, divisão que fizemos apenas por uma questão didática. Vejamos, então, como a dupla desenvolve o tema em cada uma dessas partes, nos dois suportes. Iniciamos, pois, pela análise do texto feito no suporte papel.

Partes textuais	No suporte papel
Introdução	(1) Selfie, seria um auto-retrato de uma imagem que você construiu de você mesmo por uma auto aceitação e uma aceitação alheia.
Desenvolvimento	(2) Dês de quando nascemos, a selfie está presente em nossa vida, não há como fugir dela, mas podemos usar a nosso favor, seja para representar aquilo que queremos ser ou que realmente somos. (3) Existe uma auto construção em que usamos máscaras para formar um personagem para sermos aceitos na sociedade, sem sofrer discriminação, isso pode se tornar algo cansativo ou podemos entrar tanto no personagem que nem lembramos de como realmente somos.
Conclusão	(4) Isto não é de agora, mascaras são usadas dês de sempre e as redes sociais apenas ajudam a firmar mais ainda. Será que esta é mesmo a “Era da Selfie!?” ou sempre convivíamos com isso?

No trecho 1, a dupla introduz o tema mostrando o conceito de selfie. Em um texto do gênero redação-escolar do tipo dissertativo-argumentativo, a introdução é a parte fundamental para que o leitor compreenda qual é o foco do assunto que será abordado em todo o texto. Vemos, portanto, o estilo do gênero prevalecendo aqui. No trecho 2, a dupla mostra que a selfie não é um produto só da atualidade, podendo ser usada a nosso favor para nos representar do modo que intencionamos. Já no trecho 3, a dupla explica que, no processo de autoconstrução, criamos um personagem para esconder quem realmente somos e, assim, sermos aceitos na sociedade. Vemos operando, nesses dois trechos, o que, segundo Koch e Elias (2010), ocorre quando novas informações são inseridas sem a presença de um articulador específico que configure ao texto ideias, como, por exemplo, de causalidade, comparação, motivos etc., já que há uma articulação de ideias concatenadas por meio do encadeamento por justaposição – por motivos –, pois, ao apresentar uma afirmação no excerto 3, a dupla descreve ser esse o motivo pelo qual afirma, no excerto 2, que a selfie pode ser utilizada em nosso próprio favor, para, assim, representar somente o que se desejamos mostrar de nós ou para mostrar quem verdadeiramente somos.

No trecho 4, a dupla finaliza a produção textual com um parágrafo curto que, além de concluir a ideia debatida desde o início de sua discussão temática, propõe uma reflexão ao lançar o seguinte questionamento: “Será que esta é mesmo a ‘Era da Selfie!?’ ou sempre convivíamos com isso?”, que, aparentemente, representaria uma contradição ao que foi apresentado até o momento nesse texto. Nesse ponto, interessou-nos, especialmente, uma questão: o uso do recurso das aspas para retomada do título do texto cuja escolha está associada à situação enunciativa, uma vez que se trata de um texto que foi escrito por uma dupla de alunos do ensino

médio, nos moldes de um texto dissertativo-argumentativo, cuja composição requer, dentre outras peculiaridades, a argumentatividade. A argumentação de um texto dissertativo pode ser expressa pela criticidade de quem o escreve. Este modo peculiar de argumentar visa defender o ponto de vista do(s) locutor(es) sobre o tema, contribuindo, assim, para a construção de sentido para o interlocutor. Neste caso, ao utilizar aspas, a dupla, implicitamente, indicou a sua opinião acerca do discurso temático abordado em seu texto e, conjuntamente, incitou o seu interlocutor a refletir sobre esse discurso.

Apresentaremos e discutiremos, a partir de agora, como ocorreu o processo de textualização de cada uma das partes do texto escrito no *blog*, pela dupla.

Partes textuais	No suporte blog
Introdução	<p>(1) Estamos mesmo vivendo a era da selfie? O que seria a era da selfie? Como ela surgiu?</p> <p>(2) Será mesmo que a selfie surgiu com o aparecimento da internet, redes sociais, o celular? Podemos perceber que ela vem de uma época muito distante, como vemos nos nossos livros de história.</p>
Desenvolvimento	<p>(3) O que você queria mostrar com a sua selfie? Bom, a maioria das pessoas usam esse meio para mostrar bens, como um carro novo, uma casa na praia, uma viagem. Muitos dos sorrisos de hoje em dia só são em frente as cameras, algumas pessoas mostram ser uma pessoa que não é para ser aceito na sociedade sem julgamentos, vivemos de aparência, um personagem que criamos, que quando vivemos muito tempo nele, esquecemos até quem somos de verdade.</p> <p>(4) Essa era não começou com o surgimento da tecnologia, você já deve ter visto muitas vezes nos seus livros de história, pessoas que se auto-intitulavam nobres, para serem vistos e tratados de maneira superior que a maioria, porem a maioria desses títulos eram comprados, pessoas com ambição ao extremo, com sede de poder e fama.</p>
Conclusão	<p>(5) Você está vivendo de aparências? A vida nos dá poucos momentos de felicidade, em vez de tirar uma selfie, aproveite esse momento, sorria, seja você mesmo, sem medo, por que todos envelhecemos, e o que você vai ter no final? Vai lembrar dos momentos felizes e sorrir por ter aproveitado ou vai olhar para seu celular e derramar lágrimas por momentos tirados de você.</p> <p>(6) Seja você mesmo e aproveite a vida, saia desse computador ou celular, veja o mundo ao seu redor e de um belo sorriso.</p>

Enquanto produz os trechos 1 e 2 (introdução), a dupla realiza a seguinte conversa:

Falas da dupla enquanto escreve os trechos 1 e 2 no <i>blog</i>
<p>J.: É. Tá! É... vamo com...essa pergunta aqui: O que seria a era selfie? Ou então, como ela surgiu. Vamo começar com essa pergunta aqui: Como ela surgiu.</p> <p>G.: Como ela surgiu.</p> <p>J.: Sempre vivenciamos a era da selfie. Pode não ter sido com os nossos celulares, mas...</p>

Analisando os trechos 1 e 2, juntamente com parte do diálogo realizado pelos escreventes enquanto os produziam, notamos que eles iniciam a discussão sobre o tema mostrando o que, atualmente, entende-se por selfie, para, depois, questionar sobre o que “verdadeiramente” é a selfie. Faz parte da intencionalidade da dupla comparar como era a selfie no passado e como é a selfie agora. Para conduzir o leitor a essa ideia, a dupla direciona perguntas ao leitor, a exemplo de “O que seria a era da selfie? Como ela surgiu?”, oportunizando, assim, que o seu interlocutor cogite a possibilidade de entender a selfie como um fenômeno que teve sua origem na atualidade. Vemos, nesse ponto, em consonância com o que afirmam Koch e Travaglia (1997), o fator da intencionalidade operando, haja vista que corresponde aos desejos e intenções que o locutor do texto objetiva alcançar, utilizando, para isso, os elementos linguísticos que perturbem a coerência, na intenção de atingir os seus objetivos.

Outro recurso utilizado no processo de textualização pela dupla para conduzir o seu leitor à ideia de conceito de selfie em sua origem e conceito de selfie na atualidade é a escolha das imagens que compõem o blog. Conforme apresentamos no início desta seção, o hipertexto do blog criado pela dupla é composto por uma imagem de fundo do texto que é um espaço onde se vê, na parede, alguns quadros emoldurados como eram os quadros antigos. Entre eles, há alguns autorretratos. Vê-se, ainda, logo abaixo, a continuação da mesma imagem de fundo do texto, porém, há uma outra imagem que está sobreposta. Nela, visualiza-se uma pessoa com um celular na mão e em sua tela vemos a imagem da própria pessoa. Notamos que a dupla buscou apontar elementos exteriores ao seu texto escrito ao recrutar as imagens que poderiam contribuir para o entendimento do seu leitor a respeito do que é enunciado no texto escrito também por estas imagens, fazendo, assim, uma relação entre o passado, que, neste caso, pode ser representado pela imagem inicial mostrada no blog, em que há a imagem de autorretratos na parede; e o presente, que pode ser representado pela imagem da pessoa fazendo uma foto de si com o celular na mão. Sabemos que o aparelho celular com recurso de câmera fotográfica frontal é um aparato tecnológico digital que surgiu em tempos de utilização e expansão da internet, relacionado, portanto, à atualidade.

Passemos, a partir de agora, aos trechos 3 e 4 que correspondem ao desenvolvimento do texto no suporte blog. Observemos o que a dupla conversa enquanto os produz:

Falas da dupla enquanto escreve os trechos 3 e 4 no blog

G.: A gente coloca uma coisa do atual... a gente coloca uma coisa do atual... pra pessoa quando ver...
J.: Mas vamo continuar com o antigo?!
G.: Não. Mas... não é isso que eu tô falando. A gente coloca uma coisa do atual, colocando o tema do atual a pessoa vai conseguir enxergar aquilo que passou na antiguidade.

Ao fazermos a análise dos trechos 3 e 4, juntamente com o trecho do diálogo acima, notamos que a dupla, além de discutir o tema trazendo informações novas sobre a era da selfie, a exemplo de afirmar que a selfie não seria uma cultura oriunda da atualidade, mas, sim, de uma época anterior a essa, busca, ainda, fortalecer o que é dito, apostando no conhecimento que o seu leitor possa ter sobre a autointitulação, como, por exemplo, ao recorrer às informações que estariam relacionadas à temática e que, possivelmente, como julga, são veiculadas pelos livros de história, ao dizer "... você já deve ter visto muitas vezes nos seus livros de história [...]". Em outro ponto do diálogo, ao mencionar que deve inserir "o tema do atual [pois] a pessoa vai conseguir enxergar aquilo que passou na antiguidade", a dupla mostra que parte do que sabe e no que acredita a respeito do tema deve ser enfatizada (focalizada) com o objetivo de que seu leitor, com base no que já possa ter estudado sobre o tema (nos livros de história), compreenda toda a temática, relacionando o contexto presente da selfie com o contexto do passado da selfie. Encontramos no desenvolvimento, pois, além do fator da informatividade, o fator da focalização, que pode cooperar para uma discussão temática a ser facilmente compreendida pelo leitor. Percebemos, ainda, que, no texto produzido no suporte blog, a dupla reúne características de um texto que foi pensado para um leitor específico, como é o caso do leitor de blogs. O grau de monitoração de um texto está relacionado com a utilização de elementos que proporcionem uma manifestação, no sentido de conduzir o interlocutor à compreensão do discurso presente nesse texto. Desse modo, o blog elaborado pela dupla apresenta recursos que evidenciam uma linguagem mais próxima do universo jornalístico-informativo, tanto pela presença de estruturas enunciativas de um jornal (como, por exemplo, no início do texto "Estamos mesmo vivendo a era da selfie? O que seria a era da selfie? Como ela surgiu?) quanto pelo estilo comum ao blog, a exemplo da possibilidade de uso de uma linguagem menos formal, como podemos observar no trecho 3, em que a dupla se dirige diretamente ao seu interlocutor por meio do uso do pronome de tratamento "você".

Já nos trechos 5 e 6, em suma, a dupla questiona o seu leitor/usuário sobre como está a sua vida e sugere que ele saia do computador e aproveite a vida e o mundo a sua volta, uma vez

que supõe que o seu leitor esteja vivendo de aparências. Observemos, a seguir, o diálogo realizado pela dupla enquanto escreve os trechos 5 e 6 em seu texto no suporte *blog*:

Falas da dupla enquanto escreve os trechos 6 e 7 no <i>blog</i>
J.: Queria falar algo como tipo... as pessoas hoje não vivenciam os momentos não. Apenas pensam em registrar pra dizer que aconteceu. [...] J.: Veja o mundo ao seu redor e? G.: Aqui ó: ãh... seja você mesmo e aproveite a vida! Saia desse computador. É por que já tá terminando o texto. Então ele sai.

Ao analisarmos os trechos 5 e 6, concomitante ao trecho de conversa acima, julgamos que a dupla parece demonstrar que conhece o perfil do seu leitor/usuário do *blog*, haja vista que suscita a ideia de que seu interlocutor esteja vivendo de aparências. Esta ideia é fortalecida principalmente no trecho 6, quando a dupla sugere para o seu leitor: “Seja você mesmo e aproveite a vida, saia desse computador ou celular, veja o mundo ao seu redor e de um belo sorriso”. Observamos que, nesses dois trechos, a dupla provoca uma possível reação do leitor, que, ao ler o seu texto, poderá se identificar com as pressuposições feitas (supostamente) a respeito dele e realmente fazer o que a dupla sugere, neste caso, sair do computador ou celular e aproveitar a vida. De acordo com Koch e Elias (2010), a coerência de um texto pode ser estabelecida de várias formas. Encontramos nesses trechos a predominância de dois tipos de coerência: a pragmática – a dupla considera o contexto de enunciação e os sujeitos envolvidos na interação, neste caso, a internet e seus usuários; e a estilística – a dupla busca elementos linguístico-discursivos que contribuem para a constituição do sentido que almeja alcançar, neste caso, utiliza a linguagem informal em um texto que inicialmente possuía elementos característicos de um texto mais formal, como é o texto jornalístico-informativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo, nesta pesquisa, foi investigar se a escrita realizada no gênero digital *blog* geraria mudanças que pudessem contribuir para que o aluno produzisse bons textos do ponto de vista da sua textualidade. Para isso, analisamos o processo de textualização de dois textos escritos: um no papel e outro diretamente no *blog*. Vimos que foram encontradas diferenças e semelhanças no processo de textualização de ambos os textos. No texto produzido no *blog*, os escreventes promoveram a textualidade a partir dos seus conhecimentos de mundo individuais e compartilhados aliados, sempre, às peculiaridades desse gênero digital oriundas, principalmente, das características hipertextuais on-line, como foi o caso da utilização do recurso

da metaenunciação; da consciência da possibilidade de interação direta e da percepção da possibilidade de complementação dos sentidos por meio da multisssemiose. Nesse processo de textualização, a dupla recrutou elementos linguísticos/discursivos verbo-visuais visando atender às expectativas do leitor específico deste gênero, qual seja: o(s) usuário (s) desse blog, como foi possível detectar pela discussão da ideia de que a selfie é um fenômeno que não se originou na atualidade, quando, por exemplo, os escreventes aliaram ao seu texto escrito as imagens que compõem o hipertexto do blog criado por eles.

Destacamos, pois, que a mudança principal no processo de textualização, no caso dos textos analisados neste recorte de pesquisa, foi a de que, no blog, houve a utilização de elementos semióticos, neste caso, as imagens, bem como o direcionamento do texto para o leitor, ocorrência comum a esse espaço enunciativo. Esta constatação foi possível uma vez que, ao analisarmos o texto produzido pelos mesmos escreventes no suporte papel, observamos que a construção de sentido para esse texto teve como seu foco principal o gênero textual que escolheram para enunciar, neste caso, a redação-escolar do tipo dissertativo-argumentativo. As escolhas linguístico-discursivas da dupla trouxeram à produção textual no papel um caráter mais argumentativo. A exemplo disso, observamos a escolha do título ou, ainda, a utilização do recurso da pontuação como elemento persuasivo e reflexivo, comum, portanto, ao aspecto da argumentatividade nesse gênero tradicionalmente requerido nas atividades escolares com o recurso do papel.

Lembramos, ainda, que, de acordo com os resultados encontrados nesta pesquisa, o blog revelou-se como uma ferramenta didático-pedagógica interessante ao processo de ensino-aprendizagem de textos no ensino médio, principalmente por apresentar em sua composição um modo peculiar de enunciação, o qual propiciou a manifestação do estilo individual dos escreventes, diferentemente, pois, da escrita do texto no suporte papel. Entretanto, entendemos que, para uma efetiva utilização desse recurso, faz-se necessária a criação de metodologias aplicáveis ao ensino de produção textual que estejam aliadas às tecnologias e aos aparatos tecnológicos digitais nas aulas de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. **Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa**. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/143600620/COSTA-VAL-Maria-da-Gra%C4%B1a-Texto-textualidade-textualiza%C4%B1%C4%B1o>. Acesso em: 17 jul. 2018.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard (Orgs.). **ID. Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 81-108.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual**. Trajetórias e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, V. Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz. Carlos. Coerência: de que depende, como se estabelece. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz. Carlos. **Texto e Coerência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. Cap. 4. p. 47-101.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet**. 2005. 269 f. Tese (Doutorado em Linguística). Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270930/1/Komesu_FabianaCristina_D.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004. p. 13-31.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais (parte 2), **DLCV - Língua, Linguística & Literatura**: v. 1, n. 1 e 2, 2003/2004.

MILLER, Carolyn Rae; SHEPHERD, Dawn. Blogar como ação social: uma análise do gênero *weblog*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss; MOZDZENSKI, Leonardo (Orgs.). **Gênero Textual, Agência e Tecnologia de Carolyn R. Miller**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 59-86.

PEREIRA, Márcia Helena de Melo. **Tinha um gênero no meio do caminho: a relevância do gênero para a constituição do estilo em textos de escolares**. 2005. 276f. Tese (doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2005.



XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. 2002. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

Márcia Helena MELO PEREIRA

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, onde também realizou o curso de mestrado em Linguística Aplicada. Atualmente, é professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), campus de Vitória da Conquista, atuando na área de Linguística de Texto. Desenvolve, atualmente, projeto de pesquisa sobre processo de construção de textos, gênese de textos, relação entre estilo individual e estilo de gênero, gêneros digitais, crítica genética, autoria e ensino de texto.

Mariana Tane Neves VASCONCELOS

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLin da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

Recebido em 24/05/2020 - Aceito em 27/07/2020